

À BEIRA DO EUFRATES

Abro o mapa sobre a mesa como quem estende um lençol antigo para arejar lembranças. O Eufrates atravessa o papel em azul — uma serpente de água arranhando desertos, aldeias, ruínas; um traço teimoso que insiste em ligar épocas que juram não se conhecer. A pergunta chega como manchete de jornal: qual é a maior cidade banhada por esse rio? Penso que o Eufrates, se soubesse ler, daria um sorriso de água e responderia com o rumor das margens: “Maior, pra quem?”

Nos livros de geografia, a régua é tirana: mede-se por habitantes, por quilômetros quadrados, por torres, por avenidas que cruzam as horas de ponta. É assim que, hoje, os mapas apontam Nasiriyah — e suas ruas quentes, suas palmeiras datileiras impassíveis — como a grande senhora do Eufrates. Mas a régua não mede o peso das histórias, nem o fôlego de um vento que sopra, de repente, com cheiro de tâmaras e gasolina, carregando conversas que se repetem há milênios nas barcas de junco.

Em Hillah, por exemplo, a modernidade pede licença à poeira de Babilônia. Ali, o rio passa como quem recolhe assinaturas de reis esquecidos, e as pessoas tocam o cotidiano com uma serenidade que desafia os horrores do século. Caminha-se entre tijolos que ainda guardam ecos de Hammurabi, e se pega um ônibus, e se compra pão: grandeza prosaica, sabedoria doméstica. Talvez a maior cidade seja a que consegue, entre ruínas e semáforos, manter acesa uma conversa com os mortos — sem necrolatria, apenas educação.

Mais ao norte, Deir ez-Zor ensina a gramática da resistência. Há pontes que a guerra levou, e há silêncios que a guerra deixou. O Eufrates escorre por debaixo desses silêncios, polindo as bordas do trauma até que, numa tarde qualquer, um menino solte uma pipa sobre a margem e a corda trinque como um outeiro rompendo em riso. A régua não anota isso: não sabe pesar um riso que volta depois de muito exílio.

Ramadi, por sua vez, é a lição do fluxo. Entre uma encruzilhada e outra, a cidade abre e fecha os olhos como um guarda-noturno, contando não os carros, mas as intenções: quem chega, quem parte, quem promete ficar quando a maré subir. Sim, porque há marés interiores nos grandes rios, variações morais de nível, decisões que os homens tomam como quem regula comportas — e falham, e acertam, e tentam de novo. Ramadi sabe que o Eufrates é uma estrada que não termina em porto: termina numa ideia.

E então há Nasiriyah, a “maior”. A palavra pousa com o peso burocrático de um carimbo; a cidade, porém, responde com música. Nos cafés, a lâmpada tremula e

ilumina a fumaça do chá como se fosse incenso doméstico. Homens e mulheres conversam sobre preços, parentes, política, e sobre a vida nos pântanos — esses espelhos renitentes onde o Eufrates se dispersa e se multiplica. A grandeza, ali, não está na contagem, mas na capacidade de espalhar-se sem perder a identidade: o rio vira rede, as casas viram convite, a memória vira um modo de atravessar o calor.

Se me perguntassem, “qual a maior cidade do Eufrates?”, eu diria que a resposta depende da manhã. Há dias em que Mari — a cidade antiga, empilhada em tábuas de argila — parece mais populosa que qualquer metrópole moderna, tal é o barulho das cartas do palácio, das listas de tributo, das notícias de caravanas. Em outros, Babilônia cresce como um presságio: o portão de uma deusa refeito longe dali, as muralhas que já não precisam conter exércitos, porque hoje se luta com menos claridade e mais algoritmos.

Mas a crônica não é um boletim demográfico; é um copo de água num balcão de bar. E no balcão, as hierarquias escorrem. O maior vira o mais próximo. O mais importante vira o que te oferece cadeira quando a fadiga chega. O Eufrates, mestre em rituais de hospitalidade, sabe disso melhor do que nós. Ele nunca pede documento. Apenas passa, e ao passar concede cidadania provisória às coisas: um peixe pulando, um lenço no varal, um chamado à oração, a risada de alguém que entendeu a piada tarde demais.

Talvez a mania de medir seja só um susto antigo — o medo de que aquilo que nos sustenta seja, no fundo, inabarcável. Contamos cidades para não admitir que um rio nos conta, todos os dias. Ligamos o noticiário, repetimos números, enfileiramos dados. E no entanto é ao entardecer, quando a luz baixa horizontal, que a verdade aparece: o Eufrates não está em competição com ninguém. Ele se ocupa de coisa mais séria — fazer a vida possível onde a areia insiste.

Se ainda assim querem um nome, leva este no bolso: Nasiriyah. É um modo honesto de responder ao mundo quando o mundo pede cifras. Mas, quando não houver cobradores à vista, deixa a resposta evaporar um pouco e troca-a por outra: “A maior cidade do Eufrates é aquela em que o rio me reconhece.” Pode ser Hillah num sábado de mercado, Deir ez-Zor numa manhã sem sirenes, Ramadi num fim de tarde em que a brisa chegou na hora certa. Pode ser também uma cidade que não está nos mapas, mas no teu ouvido — porque há rios que só escorrem quando alguém escuta.

Fecho o mapa. O Eufrates continua onde sempre estive: ligando uns aos outros por um fio de água invisível. E penso que, se alguma coisa merece o adjetivo “maior”, é essa obstinação em unir margens. O resto são listas; o rio, esse, é literatura.